



EDUCAÇÃO AMBIENTAL E IDENTIDADE RIBEIRINHA¹

Jenijunio dos Santos

Mestre em Educação

PPGE - Universidade de Brasília – jenijunio@hotmail.com

Maria Ludetana de Araujo

Professora Dr Coordenadora do PARFOR/PEDAGOGIA- UFPA

Universidade Federal do Pará – ludetanaaraujo@hotmail.com

RESUMO

O trabalho aqui apresentado que se intitula “Educação Ambiental e Identidade Ribeirinha”, tem como objetivos analisar as interfaces entre educação ambiental e o fortalecimento da identidade de sujeitos ribeirinhos a partir de práticas ambientais positivas e investigar de que maneira as práticas pedagógicas escolares contribuíram para esse fortalecimento. Quanto a fundamentação teórica, buscou-se trabalhar os conceitos de educação na perspectiva de Paulo Freire (2001;2002;2007), identidade a partir de Bogo (2010) e para a discussão de Educação Ambiental buscou-se a Conferência de Chosica (1976) e Carvalho (2006). Acorando-se numa abordagem de cunho qualitativa (CHIZZOTTI, 2010), em um primeiro momento fez uma pesquisa bibliográfica onde se buscou as referências sobre a temática e em um segundo momento na pesquisa realizada em campo na Comunidade Castanhal do Mari-Mari na Ilha do Mosqueiro em Belém do Pará, buscou-se registrar o cotidiano e a vida da comunidade, através de anotações das verbalizações, atitudes e práticas dos sujeitos a partir da convivência no cotidiano e do fazer-se presente no local. Os resultados obtidos revelaram que uma comunidade que tem sua identidade cultural fortalecida será capaz de identificar no seu ambiente, elementos da sua cultura e passam a preservar como um bem coletivo. Conclui-se ainda que a escola ao trabalhar os conteúdos escolares, contextualizado no cotidiano da comunidade em que ela está inserida, trabalhando a Educação Ambiental, perspectiva transversal a todas as disciplinas, sendo assim, uma prática de vida, ela se tornará uma aliada para resignificar o cotidiano da comunidade e seu posicionamento frente ao cuidado com o ambiente em que ela vive.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Identidade Ribeirinha. Ilha do Mosqueiro

1 INTRODUÇÃO

Os problemas relativos ao meio ambiente vivenciados atualmente (desmatamento, rompimento de barragens, efeito estufa, CO₂, entre outras) não pode ser vista isoladamente, pois além desses problemas estarem diretamente ligados as questões econômicas, sociais e políticas, é também uma questão de educação. Nessa perspectiva a Educação Ambiental tem uma função fundamental: ajudar o homem a reconhecer-se integrante da natureza, na sua totalidade; e que com sua ação assim como poderá destruí-la e se autodestruir, poderá também contribuir para diminuir a degradação da natureza, melhorando o seu habitat.

¹ Esta artigo teve origem em uma pesquisa de conclusão de curso de Especialização em Gestão Ambiental na Faculdade Ideal em Belém do Pará.



Este trabalho que se intitula Educação Ambiental e Identidade Ribeirinha, tem como

objetivo analisar as interfaces entre educação ambiental e a relação entre o fortalecimento da identidade da comunidade a partir de práticas ambientais positivas e investigar de que maneira as práticas pedagógicas na escola da comunidade contribuíram para esse fortalecimento.

Quanto a fundamentação teórica buscou-se trabalhar os conceitos de educação na perspectiva de Freire (2001;2002;2007), identidade a partir de Bogo (2010) e para a discussão de Educação Ambiental buscou-se a Conferência de Chosica (1976) e Carvalho (2006)

Numa abordagem qualitativa (CHIZZOTTI, 2010), em um primeiro momento fez uma pesquisa bibliográfica buscando as referências sobre a temática e em um segundo momento na pesquisa de campo buscou-se registrar o cotidiano da comunidade, verbalizações, atitudes e práticas dos sujeitos a partir da convivência no cotidiano e do fazer-se presente no local.

O que segue são reflexões e análises da pesquisa aqui anunciada, tão importante para entender como os conteúdos escolares em diálogo com a realidade vivida dos sujeitos de uma comunidade podem se tornar conteúdos significativos para novas atitudes em relação ao meio ambiente.

2 EDUCAÇÃO, IDENTIDADE E MEIO AMBIENTE

A educação torna-se emancipatória e libertadora (FREIRE, 2011) a medida que educandos e educadores são capazes de dialogar e de trocar seus saberes. Esse diálogo começa na seleção do conteúdo programático, valorizando os conteúdos que são trazidos para a escola pelos educando a partir da sua realidade, numa perspectiva de que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (FREIRE, 2007).

Ao colocar em evidência os saberes dos educando, saberes que surgem da sua relação com o seu ambiente, da sua produção da vida e do cotidiano, a escola estará contribuindo na construção da identidade dos sujeitos da comunidade na qual ela está inserida, pois

O ponto de partida da história humana é a existência de seres humanos que, produzindo seus meios de vida, produzem não só os instrumentos de trabalho, mas também sua capacidade de produtores como e enquanto seres sociais; ou seja, criam a própria identidade, por meio dos objetos que produziram e se diferenciaram dos demais seres pela capacidade criativa tanto em quantidade quanto em qualidade (BOGO, 2010, p.35,36).



Com a globalização, o avanço da tecnologia e dos meios de comunicações, as pessoas e os grupos sociais passaram a interferir e ter interferência de elementos culturais de outras regiões e de outros países, realidade que tem contribuído para a transformação das culturas locais e uma progressiva perda da identidade; por outro lado tem aberto outras possibilidades, tira os grupos sociais do isolamento anterior em que viviam e os colocam em contato e diálogo com outros povos e culturas.

No entanto, para haver relacionamento de igualdade entre os povos e suas culturas é necessário que esses grupos se reconheçam na sua produção do meio de vida, com seus traços culturais próprios, ou seja, se reconheçam na sua identidade, pois só assim haverá troca, diálogo e relacionamento. O contrário poderá ocorrer o domínio de uma cultura sobre outra ou sua desagregação e perda de identidade, pois “A identidade, por sua vez manifesta-se pela unicidade entre natureza e cultura em oposição à outra identidade”(BOGO, 2010, p. 36).

Diante do exposto, urge a necessidade de uma educação que seja capaz de levar o ser humano a refletir sobre sua prática e seus relacionamentos entre si e com o meio em que vive. Uma educação que seja capaz de fomentar uma postura ética e cidadã na relação com a natureza e fortaleça a identidade. É sabido que essa postura não é algo fácil, pois as questões ambientais envolvem interesses econômicos, políticos e culturais. No entanto se faz necessária a urgência de projetos pedagógicos voltados para a educação ambiental na perspectiva de um ideário de uma sociedade de direitos e ambientalmente justa como anuncia a Conferencia de Chosica no Perú em 1976:

“A Educação Ambiental é a ação permanente pela qual a comunidade educativa tende à tomada de consciência de sua realidade global, do tipo de relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza dos problemas derivados destas relações” (CHOSICA, 1976 apud Carvalho, 2006 p.56).

O conceito aqui apresentado aponta para uma educação ambiental que seja um resultado da atuação política e social de toda a comunidade por meio do exercício cotidiano da cidadania e de hábitos que apontem para uma relação com o meio ambiente na sua totalidade, numa visão de interdependência do homem com toda a natureza onde o fim último de todo o benefício dessa relação recai sobre o próprio Ser humano.

3 Educação Ambiental quanto pressuposto para fortalecimento da Identidade Ribeirinha

A experiência da Comunidade do Castanhal do Mari-Mari, localizada na Ilha do Mosqueiro, a maior das 39 ilhas que compõe a região insular do Município de



Debelém, nasceu em uma parceria da comunidade com a escola, resultado de um conteúdo programático contextualizado e que emergiu do cotidiano da comunidade, na busca da resolução dos problema locais. Esses conteúdos foram sistematizados em um projeto educativo com o tema: “Preservar a Natureza, é construir a paz”. Um projeto de ensino que foi sendo construído numa perspectiva freiriana, entendendo que “É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade”. (FREIRE, 2001, p.87).

A necessidade de implementar um projeto pedagógico que ajudasse no fortalecimento da identidade cultural, foi percebido pela coordenação pedagógica através do comportamento de vários membros da comunidade, com destaque para os mais jovens, que não se reconhecia pertencentes do espaço geográfico e seus desejos era ir embora. Quando indagados sobre os elementos de sua cultura eles não os reconheciam e nem conheciam sua história.

Foi nesse contexto que o projeto traçou ações que pudessem fortalecer a identidade cultural da comunidade. Entre elas cita-se as contações de história, oficina do brincar com as palhas das palmeiras, oficina de “varinha bordada” e as mostras culturais, que passaram a ser um excelente espaço para divulgação do fazer cultural da comunidade e que depois agregou o Festival do Açaí, que é uma atividade que além de proporcionar a comunidade trocar suas experiências com outras comunidades, possibilita também uma renda que é sempre colocada a favor do coletivo.

Nessas mostras, percebe-se a crescente autoestima da comunidade, o orgulho recuperado de morar naquele local, o que é traduzido a partir dos vários elementos da cultura local expostos, pois tudo que era produzido durante ano nas oficinas da escola e comunidade era colocado em exposição. Era possível ainda, nessas mostras, conhecer os frutos da região, degustar o açaí com camarão, de conhecer o cotidiano da comunidade através os relatos de vida dos moradores, do passeio pelas trilhas, e finalizar numa rodada de carimbó com o grupo local “Filhos da Terra”.

Todos os elementos culturais da comunidade que foram colocados em evidencia e aqui descritos, foram fortalecendo a identidade dos moradores, criando vínculo com o seu lugar, e a medida que a comunidade fortalecia sua identidade cultural, mais ela entendia que tinha que cuidar e preservar o meio ambiente em que ela habitava, numa relação de paz consigo, com o outro e com a natureza, como anunciava o objetivo geral do Projeto pedagógico: “Repensar a relação do Homem



sustentável, transformado a comunidade em um espaço de convivência de paz entre todos os seres que a compõe.”

O percurso pedagógico da escola junto com a comunidade foi fundamental para que esta desenvolvesse uma postura de respeito a natureza, percebendo-se como integrante da mesma. Essa postura pedagógica foi amparada pelo projeto que a escola desenvolveu, pois através dele, ela pode mergulhar nos saberes da comunidade, no seu cotidiano, instigando a participação e ao debate da realidade apresentada, retirando dela os conteúdos que paulatinamente foram constituindo-se em elementos fundantes para a Educação Ambiental na comunidade, pois conforme a Conferência Sub-regional de Educação Ambiental para a Educação Secundária – Chosica/Peru (1976)

Se um programa de Educação Ambiental pretende ser realmente efetivo numa comunidade, ele deve direcionar suas estratégias, partindo da noção de meio ambiente defendida por essa comunidade, que por sua vez só será atingida através da possibilidade de uma ampla participação nas diversas fases do mesmo, por parte de seus membros.

Essa assertiva é confirmada por Kelly (32 anos), 6ª série, casada, mãe de aluno da escola, vice-presidente da Associação dos Moradores e dona do comércio na comunidade ao falar sobre o seu entendimento sobre Educação Ambiental:

“Ter Educação Ambiental é saber preservar tudo que nos dar sustento, que não é só fruta e madeira, mas tudo que há na natureza. O projeto ajudou muito a mudar o comportamento da gente, a moto serra aqui era muito usada, quando se ia derrubar uma árvore terminava derrubando várias, tudo estava ficando muito desmatado. Hoje as crianças não jogam lixo na trilha, o que encontramos são os que vêm de fora que jogam na trilha”.

Nesse depoimento é interessante perceber que o conceito de Educação Ambiental para a entrevistada, tem sua origem na preservação ambiental, entendendo ainda que tudo está conectado, tudo tem sua importância na natureza e são interdependentes. Portanto a preservação, o cuidado com as espécies da natureza estão intimamente ligados a Educação Ambiental.

Outro depoimento que corrobora com esse pensamento é do Simão Garcia de Carvalho, 51 anos. Estudou até a 8ª série. É o Diretor de Relações Públicas da Associação dos Moradores e líder da Comunidade católica. Sua atividade econômica é o extrativismo de frutas. Ele diz:

“Você ver se uma pessoa tem educação ambiental na maneira como ela trabalha na terra. É você estar preocupado em preservar a natureza, se derrubou uma árvore, plante outra. Se você precisa de uma árvore deve consumir ela na totalidade, não tire só um pedaço e deixe o restante apodrecer, pois se não usar ela toda, pode querer derrubar outra, quando surgir outra necessidade. Se çamos, deve ser para suprir a necessidade e



... sempre, se hoje caça, amanhã pesca, é uma forma de viver e preservar para nossa sobrevivência. Antes não eu não tinha essa preocupação, mas agora sei que é importante cuidar da natureza, pois posso ver que na nossa comunidade, as pessoas ficam encantadas por que percebem que aqui temos preocupações com a natureza”.

Diante dos relatos, percebe-se que a Educação Ambiental na comunidade, tem levado os seus sujeitos a buscarem práticas sustentáveis na relação com a natureza, numa constantes busca de valores e atitudes positivas capazes de construir uma educação para o desenvolvimento sustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência aqui relatada, levou a concluir que uma comunidade que tem sua identidade cultural fortalecida será capaz de identificar no seu ambiente e cotidiano elementos da sua cultura, o que levará a preservar como um bem coletivo. Conclui-se ainda que a escola ao trabalhar um conteúdo contextualizado no cotidiano da comunidade em que ela estar inserida, onde a Educação Ambiental, não é uma disciplina, mas uma prática de vida, ele será um aliado para resignificar o cotidiano da comunidade e seu posicionamento frente ao cuidado com o ambiente em que vive.

Referências

BOGO, Ademar. **IDENTIDADE e Luta de Classes**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

CARVALHO, Vilson Sérgio de. **Educação ambiental e desenvolvimento comunitário**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2006

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 3ª. Ed. RJ: Vozes, 2010.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Política de Educação Ambiental. Conferência Sub-regional de Educação Ambiental para a Educação Secundária. Chosica/Peru, 1976. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental>. Acesso em 27/07/2017

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 35ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Educação e Mudança**. 26º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.